

DOM ROBINSON CAVALCANTI E OS MINISTÉRIOS DE EVANGELIZAÇÃO**Rev. Manoel Almeida, ose**

Como pentecostal por formação e convicção, percebo que o nosso bispo tem dado a máxima prioridade ao evangelismo. É fácil compreender essa ênfase quando atentamos para sua biografia como evangelista, pregando em praças públicas e igrejas de periferias ou dedicando mais de 10 anos ao anúncio do evangelho no mundo estudantil - ABU, ABS - cujos vínculos ele mantém até hoje, como posso testemunhar, como ex-dirigente daquele movimento. Por sete anos ele se integrou aos "Gideões Internacionais", na dedicação à disseminação da Bíblia, além do evangelismo por meio do rádio, da televisão e dos jornais.

Como evangelista (com filhos e filhas na fé por esse Brasil a fora), o nosso bispo tem tido, em seu episcopado, todo o interesse em apoiar os esforços evangelísticos, sempre vendo a DAR como uma diocese em missão. Uma leitura cuidadosa dos seus documentos e pronunciamentos jamais poderia levar à conclusão equivocada de que "o bispo é contra os movimentos".

Sabemos, é parte do ministério de um bispo a sua tarefa docente, procurando orientar os fieis no caminho maturidade. E, o que podemos deduzir dos ensinamentos do nosso bispo sobre esse tema?

1. O estímulo a todos os movimentos de evangelização;
2. A necessidade de uma contínua avaliação e aperfeiçoamento, ajustando-os às condições e necessidades locais e aos desafios do momento. Os movimentos, assim, não devem ser considerados como sagrados, padronizados, estáticos, "imexíveis". Devemos sempre manter uma mente aberta, buscando a orientação do Santo Espírito;
3. O apoio à criação de novos movimentos, com outras ênfases e métodos, apliando-se, em decorrência, os espaços evangelísticos, oferecendo-se aos fieis uma maior diversidade de opções, com os que melhor venha se identificar;
4. A necessidade de se respeitar os membros das paróquias e missões em sua opção por esse ou aquele movimento, ou por nenhum movimento, evitando-se pressões ou constrangimentos;
5. A advertência para que fique claro que, além da adesão voluntária, os pontos de vista dos movimentos (alguns de origem não anglicana), são apenas os seus respeitáveis pontos de vista, não representando, necessariamente, posições oficiais da Comunhão Anglicana ou da IEAB, recordando-nos sempre, para o caráter inclusivo de nossa denominação. É a inclusividade - nos limites do Quadrilátero de Lambeth - que nos caracteriza como Igreja e não como uma seita;
6. A advertência para que se evite o monopólio político de qualquer movimento sobre uma Paróquia ou missão, com a ocupação de todos os cargos dirigentes, o que resulta na marginalização dos não integrantes desse(s) movimento(s), em discriminação em razão de idade, sexo, estado civil, classe social, ideologia ou corrente teológica;
7. A lembrança de que qualquer movimento (evangelístico ou não) para ser verdadeiramente anglicano deve buscar respeitar a liderança do seu pároco ou ministro encarregado, e a orientação do seu bispo, pastor da Igreja Local, que é a Diocese;
8. O estímulo para que, em virtude de fatores como tempo e custos (humano e financeiros) e maior dependência da Palavra e do Espírito Santo, sejam estimulados movimentos evangelísticos compactos, centrados no plano de salvação, que busque conduzir à conversão, deixando-se outros temas para os programas de doutrinação e discipulado;
9. O nosso bispo tem concordado com o sábio posicionamento do Arcebispo Católico Romano de Porto Alegre, para quem, após ter participado de um movimento, e trabalhando, no máximo em dois eventos, o novo convertido deve dele se afastar, e canalizar seus dons para as diversas atividades regulares da igreja. Evita-se, assim, o grupismo e a possibilidade negativa de alguns participantes se tornarem "profissionais de movimentos", sem aprofundarem o seu vínculo e a sua lealdade para com a denominação, passando a percorrer durante todo ano, um circuito de encontros dos mais variadas igrejas, dificultando o seu amadurecimento e a sábia edificação do corpo de Cristo;

10. O nosso bispo crê, com razão, que, aos domingos, "lugar de crente é na igreja": para adoração, o estudo da palavra, a vida sacramental e comunitária e o evangelismo". Ele concorda com a sensata orientação do Arcebispo Católico Romano de Maceió, para quem, todos os movimentos devem concluir seus eventos nos sábados à noite, e excepcionalmente, nos domingos pela manhã, e que os encerramentos devem sempre se dar nos templos das paróquias e missões, para onde devem ser convidados os familiares e amigos dos participantes.

- Além desses ensinamentos, o bispo Robinson tem recomendado que se evite a

celebração dos sacramentos do batismo ou eucaristia em eventos de movimentos, pelos riscos de que a participação dos mesmos possam ser conseqüências do clima emocional do movimento, ou que venham neles incluir os que ainda não conseguem discernir o Corpo ou a ele são estranhos.

É importante frisar que o bispo nunca fez qualquer condenação a esse ou aquele movimento, como tal, nunca usou de suas prerrogativas e autoridade canônica para impedir, dificultar, intervir ou demitir movimentos ou dirigentes. O que ele tem procurado fazer, à luz da experiência histórica - e ensinar, orientar, advertir, exortar, sugerir, sempre visando o aperfeiçoamento e a correção de distorções, exageros e impropriedades, que possam resultar em danos ou riscos para a vida eclesial.

Deve ser mais que óbvio, que o verdadeiro anglicano respeite o seu bispo, e procure com atenção, estudar suas orientações, e nunca fomentar o espírito de rebeldia, a veiculação de falsas informações ou calúnias contra seu pastor.

Como pessoa, e dentro da inclusividade anglicana, os nossos bispos têm direito a gostos, preferências e opiniões próprias. O nosso bispo, como teólogo e cientista social, tem pontos de vista sobre o conteúdo e métodos dos vários movimentos, identificando-se ou não com eles. Ele não deve ser constrangido a participar de movimentos com os quais tenha discordância ou questões de consciência. Ele respeita e deve ser respeitado, dentro do clima de fraternidade que deve caracterizar o povo de Deus. O bispo não deve censurar a circulação de idéias, nem pode ter as suas censuradas. Os cristãos têm o direito ao livre exame e a livre opção nos aspectos não credais da fé.

Se essa for atitude de todos a nossa diocese continuará crescendo, em quantidade e qualidade, a partir do anúncio das boas novas.

O Rev. **Manoel Almeida, ose**, é Cientista Social, Secretário Diocesano de Direitos Humanos e Professor do SAET.